

# UMA JANGADA E AS SUAS IDENTIDADES

VÍCTOR MARTÍNEZ-GIL

Universitat Autònoma de Barcelona

Os artigos do presente monográfico propõem uma nova interrogação sobre o significado do iberismo na obra e no pensamento de José Saramago. Ainda que já tratada, a questão exige ser revisitada continuamente e não admite simplificações. Saramago publicou no ano de 1986 *A Jangada de Pedra*, que talvez seja um romance mais sobre a ibericidade do que sobre o iberismo, mas logo depois, no âmbito discursivo, desenvolveu uma longa conceitualização partindo da palavra *trans-ibericidade* para chegar às implicações políticas do seu pensamento e, primeiro nas traduções para o castelhano dos seus textos e depois em português, ao *transiberismo*. Saramago ofereceu uma fórmula complexa: «O iberismo está morto? Sim. Poderemos viver sem *um* iberismo? Não o creio» (1989: 31). Com estas palavras, parecia assumir uma inevitabilidade: a (quase) obrigação de repensar o iberismo em cada momento histórico. Porque, na verdade, há sempre *um* iberismo, ou antes, um refazer sisífico do debate iberista. Um dos últimos exemplos desse refazer é o livro coletivo *El nuevo iberismo. Iberia redescubierta*, onde Manuel Pimentel Siles defende, contra «un iberismo invasivo» ou «un nacionalismo supraestatal de nuevo cuño», uma «metodología de trabajo y una fraternización empírica y humana entre los pueblos ibéricos» (*apud* González Alcantud; González Velasco [eds.] 2022: 11-12). Não é de surpreender que a introdução do livro, de José Antonio González Alcantud (2022: 21-38), seja feita em nome de «Una libre interpretación de *A Jangada de Pedra*» e sob a figura tutelar de Saramago. Mais do que como doutrina fechada, Saramago entendeu o iberismo, em palavras de 1993 proferidas na conferência «Ibéria entre Europa e América Latina», como «um sentido transiberista da nossa posição no mundo». Tratar-se-ia, acrescentou em 1994 no *Diario de Córdoba*, de «um conceito superador do iberismo tradicional, que englobaria os países de tradição ibérica na América e em África» (*apud* Sáez Delgado 2020: 58).

É bom não esquecer que o princípio de tudo foi um romance. Escrito, sem dúvida, como uma reação à entrada de Portugal e Espanha na Comunidade Económica Europeia, tornada efetiva nesse mesmo ano de 1986, mas também como uma continuação, como já se escreveu, dos valores do 25 de Abril e da autenticidade nacional. Só que, agora, a autenticidade nacional era analisada na

sua (incontornável) dimensão ibérica, e não no passado, mas numa situação de presente e de futuro. Não foi Saramago, porém, o único a reagir à situação em termos de debate iberista. Alguns falaram, e ainda falam, do pós-iberismo, um novo paradigma de colaboração entre dois territórios que, ao final, compartilhem dentro dessa Europa muito do que pediam os antigos iberistas (moeda, mercado, etc.). Outros colocaram a questão em termos mais identitários. A entrada na Europa ia converter Portugal numa região espanhola? «A Espanha sempre amada e sempre temida», escreveu Miguel Torga no seu *Diário* no dia 13 de setembro de 1988, e especificou: «O meu iberismo é um sonho platónico de harmonia peninsular de nações. Todas irmãs e todas independentes» (1999: 1637). Ou, talvez, graças também à Espanha autonómica, um novo iberismo podia tornar-se numa derradeira garantia de identidade face aos *europeus*, dado que, segundo Natália Correia, *Somos todos hispanos* (1988)? A escolha de Saramago foi escrever um romance. Aliás, um romance de não fácil classificação, mesmo se comparado com os que já tinha escrito até então. Tem-se falado de um modo fantástico em *A Jangada de Pedra*, onde o acontecimento incrível é o elemento central. Será, então, que Saramago converteu as suas dúvidas ibéricas e europeias em metáfora, em alegoria, em símbolo? Ou em argumento de ficção científica? Podemos afirmar que *A Jangada de Pedra* é uma história política, mas, não o neguemos, têm razão os que defenderam ser esta obra também um grande romance literário. Para já, e além dos outros valores estilísticos comuns à obra do autor, esta assenta numa complexa hibridação genérica: pode ser lida como uma história de ficção científica apocalíptica ou, melhor, pós-apocalíptica, pois a Terra (a Península), é reconstruída (um *futuro fabuloso*, como diz a epígrafe de Carpentier), mas sendo ao mesmo tempo um romance de realismo mágico, e um romance cheio de hipotextos, com uma ou muitas utopias, mesmo que a palavra tenha sido fonte de múltiplos equívocos, também por parte do autor, e é melhor não abusar dela.

A palavra de que gostava Saramago era *alegoria*. Em março de 2003, no congresso internacional *Scrittori e Critici a confronto*, organizado pela professora Giulia Lanciani na Università Roma Tre, o autor dissertou sobre o tema numa palestra com o título: «Dall'allegoria come genere all'allegoria come necessità» (Saramago 2022: 147-156). Aqui e em outros textos, Saramago dividiu a sua obra entre o antes e o depois de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. O *antes* englobaria os romances sobre a identidade coletiva portuguesa —uma identidade que tem de ser entendida num sentido de grupo nacional, sim, mas também de situação social e económica. O *depois*, viria a partir de *Ensaio sobre*

a *Cegueira*, onde estariam os romances alegóricos que visam mergulhar até ao fundo da realidade (da estátua à pedra) sem passar pelo realismo. Saramago identificou a alegoria com uma situação acontecida num lugar mais ou menos indefinido, tal como Kafka nos ensinou a fazer. Isso deixaria fora do género *A Jangada de Pedra*, visto que ela é, obviamente, a Ibéria? Não é assim tão fácil descartar a alegoria em obras que se afastam tanto do realismo. A alegoria de situação, neste caso, não seria a fenda que rasga os Pireneus? No fim de contas, ela é inexplicável e anti-realista, e, em muitos episódios do livro, chega a ser mitológica. O próprio Saramago concordaria com isso anos depois, numa conferência na Facultad de Arquitectura Técnica de Granada, em 2005, como reportam as crónicas da altura: «Las alegorías», añadió, «son además imposibles. Es imposible que todo un país pueda quedarse ciego en sólo 24 horas, como ocurre en *Ensayo sobre la ceguera*, y es imposible que la península ibérica se desgarre y se separe de Europa, como ocurre en *La balsa de piedra*» (apud Arias 2005). As declarações são importantes para alargar o conceito de alegoria, ainda que fique a dúvida de se *A Jangada de Pedra* seria mais impossível que livros anteriores com elementos mágicos ou fantásticos.

Para além do realismo mágico, da mitologia clássica, das lendas ou da ficção científica, cujos códigos estão presentes em simultâneo, há, como disse, outros hipotextos, muito evidentes no livro. Nele é narrada uma viagem. Antes, muitas viagens, pois, como nos adverte o narrador, «cada viagem contém uma pluralidade de viagens» (1986: 253). A principal é a da Península a afastar-se da Europa. Uma ilha, portanto, como no antigo género da viagem imaginária, só que aqui não é Gulliver que vai para Laputa, mas Laputa que vai pelo mundo fora, à procura de uma «posição no mundo». Alguns anos depois, em 1997, a viagem (e não é preciso insistir sobre a importância da viagem, de todas as viagens, na obra de Saramago) foi a de *O Conto da Ilha Desconhecida*. Se, como já vimos, há viagens dentro de cada viagem, enquanto a Península-ilha navega as personagens percorrem-na em busca de explicações e, no fundo, de uma vida mais livre e mais plena. Nesse sentido, *A Jangada de Pedra* apresenta um outro hipotexto, neste caso explícito: o *Quixote*, a figura do cavaleiro andante, e, em geral, os livros de cavalaria. No fundo, as viagens da Península, das pessoas e dos animais, têm o mesmo fim. Há no romance uma relação constante entre o desejo das personagens, o que elas fazem e os sonhos que elas têm (Joana Carda a riscar o chão), e o movimento empreendido pela nova ilha.

As identidades (nacionais, culturais, sociais, pessoais, de classe, de homens e mulheres) procuradas nestas viagens têm o âmbito da Península. No

entanto, não há identidade interna sem os outros, sem as identidades externas (opostas ou complementares), e por isso o livro é, conjuntamente, um exercício de exploração das potencialidades do alargamento e das relações desse âmbito peninsular. Em «Da Estátua à Pedra» (texto que teve a sua origem numa conferência na Università di Torino), escreveu Saramago que com *A Jangada de Pedra* quis propor uma nova área cultural, a do Atlântico Sul, e já não a do Mediterrâneo, que já teria cumprido o seu papel (Saramago 1997). Eis mais um mito explícito do livro: a Península-ilha como uma nova Atlântida. O poeta catalão Jacint Verdaguer, no século XIX, também comparou a Península com uma nova Atlântida, mas essa Atlântida unia, e não afastava, os mares. Isto faz com que *A Jangada de Pedra* não seja um romance fácil de ler para todos os peninsulares. A Península de Saramago não tem em conta que um catalão, apesar dos laços atlânticos, não possa renunciar ao seu ser mediterrâneo (no presente e na história), e que nem um basco nem um catalão possam abandonar mentalmente as terras bascas e catalãs de além-Pirenéus.

Como disse, no entanto, o pensamento saramaguiano não admite simplificações. O seu transiberismo tanto rejeita a Europa como, ao mesmo tempo, a aceita, pois, de acordo com o que disse em 1993 na conferência «Ibéria entre Europa e América Latina» (*apud* Sáez Delgado 2020: 58), o transiberismo só poderá ser alcançado «com a participação de todos os povos e de todas as culturas da Europa», isto é, com uma Europa não eurocêntrica capaz de respeitar todos os seus povos (no romance, podemos ver como a Europa tem saudades da Ibéria). Se o transiberismo procura uma posição cultural no mundo, Saramago falou também da integração política de Portugal na Ibéria. Saramago respeita a pluralidade da Espanha (e as relações intrapeninsulares descritas em *A Jangada de Pedra* são de grande riqueza: aparece mesmo Andorra), e o seu iberismo foi definido como múltiplo e, finalmente, federal, mas não constrói os Pirenéus e o Mediterrâneo como fulcros culturais para o futuro. Mais do que uma doutrina fechada, o transiberismo é, como já vimos, um conceito, é uma jangada a navegar, é uma posição que admite reformulações do seu autor e até mesmo para além do autor. Admite também a discussão. Estamos, assim, perante a originalidade de um *iberismo de deslocação*.

Chegamos agora aos artigos deste monográfico, que constitui a contribuição da revista *Abriu* para a celebração do centenário de José Saramago e que tem a sua primeira origem no Congresso Internacional sobre Saramago e o transiberismo organizado pela Catedra José Saramago da UAB na Biblioteca Jaume Fuster, amavelmente disponibilizada por Biblioteques de Barcelona, nos dias 9-11 de

março de 2022. São trabalhos que exploram as dimensões das identidades ibéricas com relação ao que fica fora da jangada, e aparecem publicados seguindo uma ordem que vai da introdução geral do tema aos âmbitos tratados. Assim, em primeiro lugar, «José Saramago: do iberismo ao transiberismo», de Carlos Reis, coloca Saramago na tradição iberista, especialmente a partir de Miguel Torga, e salienta a sua originalidade (ficcionalização, viagem com destino por definir, vocação do Sul). A seguir, Daniel Vecchio Alves, em «1986 – O ano da morte da liberdade político-econômica de Portugal: notas críticas em torno do romance *A Jangada de Pedra*», explora a oposição de Saramago ao conservadorismo e às políticas económicas da Comunidade Económica Europeia. O artigo analisa o uso do insólito em *A Jangada de Pedra* e demonstra que a identidade ibérica, feita de identidades, seria uma forma, para Saramago, de enfrentar a globalização. Os outros artigos confrontam o transiberismo com os mundos americano e africano e com os estudos pós-coloniais e o pensamento decolonial. Em que medida seria o transiberismo flexível? Poderá ser visto como um ponto de partida? Terá uma relação com a lusofonia? Conservará heranças coloniais? Burghard Baltrusch, em «“Olhemos em silêncio, aprendamos a ouvir”. O transiberismo saramaguiano e o debate ecocrítico e decolonial», interroga-se sobre qual o papel do transiberismo na construção do sujeito e sobre as suas futuras relações com a ecocrítica e o decolonialismo. Pela sua parte, Livia Apa, em «Diálogos impossíveis em tempo de *pós*. Colocações geográficas e identidades em José Saramago e Ruy Duarte de Carvalho», examina as contradições colonialistas que possam estar presentes no transiberismo. O caminho traçado pelos artigos mostra como Saramago, ao transformar o velho iberismo, criou um conceito literário e teórico que, mesmo querendo ver nele limites e contradições, é para nós, no século XXI, um impulso para pensarmos, não só a «nossa posição no mundo», mas a posição do mundo.

## FINANCIAMENTO

Este trabalho desenvolve-se no âmbito do projeto: Grant I+D+i PID2021-122535NB-I00 funded by MCIN/AEI/10.13039/501100011033 and by «ERDF A way of making Europe».

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIAS, Jesús (2005). «Saramago reivindica el regreso al uso de la alegoría en la literatura». *Granada Hoy*, 22-abril [em linha] [9 maio 2023]. <<http://newcanalugr.ugr.es/wp-content/uploads/2005/04/pdf2607.pdf>>.
- CORREIA, Natália (1988). *Somos todos hispanos*. Lisboa: O Jornal.
- GONZÁLEZ ALCANTUD, José Antonio; GONZÁLEZ VELASCO, Pablo (eds.) (2022). *El nuevo iberismo. Iberia redescubierta*. Córdoba: Almuzara.
- SÁEZ DELGADO, Antonio (2020). «José Saramago, transiberista». C. Reis (org.). *José Saramago. Nascido para isto*. Lisboa: Fundação José Saramago, 47-61.
- SARAMAGO, José (1986). *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1989). «Acerca do (meu) Iberismo». *Encontros/Encuentros: Revista Hispano-portuguesa de Investigadores en Ciencias Humanas y Sociales*, 1, 29-31.
- SARAMAGO, José (1997). «Da Estátua à Pedra – O autor explica-se». Fundação Saramago – Conferências [em linha] [9 maio 2023] <<https://www.josesaramago.org/conferencia/da-estatua-a-pedra-o-autor-explica-se/>>.
- SARAMAGO, José (2022). *Lezioni italiane*. G. de Marchis (ed.). Roma: La Nuova Frontiera.
- TORGA, Miguel (1999). *Diário. Vols. IX a XVI*. Lisboa: Dom Quixote.



Copyright © Víctor Martínez-Gil, 2023. This document is under a Creative Commons Attribution-Non commercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.